

***Identidade,
negritude e hermenêutica:
Peter T. Nash e a
teologia negra no Brasil***

**Identity, negritude and
hermeneutics:
Peter T. Nash and black
theology in Brazil**

Ricardo Willy Rieth

Graduado em Ciências Sociais/Bacharelado, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (1988), Graduado em Teologia/Bacharelado, pelo Seminário Concórdia de Porto Alegre (1986), MBA em Gestão Empresarial, pela Fundação Getúlio Vargas - FGV (2019), Doutor em História da Igreja pela Universität Leipzig, Alemanha (1992) e pós-doutorado pela mesma instituição (2000). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado/Doutorado), Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, Canoas-RS. Contato: Ricardo.rieth@gmail.com

Há cerca de um quarto de século, na Escola Superior de Teologia (EST), hoje Faculdades EST, instituição ligada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), iniciava-se um movimento em torno a questões de identidade, negritude e teologia, que viria a transformar pessoas, grupos e instituições. Este movimento viria a ultrapassar o âmbito acadêmico e eclesial, integrando-se a muitas iniciativas e movimentos que colocaram temas como identidade, negritude, racismo, desigualdade e injustiça nas relações étnico-raciais na pauta de discussões da sociedade brasileira. Foram e são muitos/as os/as protagonistas neste movimento. O breve texto a seguir tem por objetivo apresentar de modo introdutório a contribuição intelectual e acadêmica do professor Peter Nash nas etapas iniciais deste movimento.¹

Peter T. Nash (1953-2019) nasceu em Saginaw, Michigan, EUA. Em 1975, obteve o grau de "Bachelor of Arts in Humanities" no Concordia Senior College, em Fort Wayne, Indiana. Em 1979, concluiu o "Master of Divinity" no Princeton Theological Seminary, em Princeton, New Jersey. Em 1992, tornou-se "Doctor of Philosophy" pela University of Chicago, de Chicago, Illinois. Em 1996, assumiu a cátedra de Antigo Testamento e Línguas Semíticas na então Escola Superior de Teologia, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em São Leopoldo, RS.² Iniciou e foi o primeiro coordenador do grupo de pesquisa "Negritude na Bíblia e na Igreja", além de fundar e ser o primeiro editor da revista "Identidade". Publicou diversos livros e artigos, tendo sido também conferencista e professor convidado em diversas instituições e países: University of Oslo, Noruega; Theologische Hochschule, Neuendettelsau, Alemanha; Conference of International Black Lutherans, em Bulawayo, Zimbábue; David Ben Gurion University of Negev, Israel; University of Natal, África

¹ Cf. a respeito ACOSTA-LEYVA; SOUZA e MELLO, 2006. Para uma abordagem histórica da relação entre negros e luteranismo no Brasil, cf. RIETH, 1999.

² Tive a oportunidade de ser colega do professor Nash e assim acompanhar sua trajetória acadêmica em São Leopoldo, bem como a trajetória de sua viúva, Jette Irgens, à época acadêmica de pós-graduação na mesma instituição. Para a sequência do trabalho liderado inicialmente por Nash, quero aqui destacar também as contribuições destacadas das colegas professoras Maricel Mena López e Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer.

do do Sul. Entre 2003 e 2016, lecionou Religion Studies no Wartburg College, em Waverly, Iowa. Ocupou a cátedra "World Communities", instituída por Franklin I. e Irene Saemann.

Também atuou como assistente da Presidência para Diversidade e Inclusão, assim como de Diretor do Programa de Ações Afirmativas. Em 2016, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Faculdades EST por sua atuação e dedicação à missão de abrir as portas de igrejas e instituições luteranas para outras etnias, e seu trabalho de releitura da Bíblia sob a ótica da negritude. Agradeceu a homenagem, dizendo: "Eu quero agradecer a Faculdades EST por esta homenagem. Ela mostra que houve movimento, ação e aprendizado, e que o movimento continua e eu encorajo a qualquer pessoa que tiver a oportunidade que venha crescer conosco."

A liderança intelectual, bem como o protagonismo eclesial e social de Peter T. Nash tiveram como base uma sólida formação acadêmica e uma consistente produção científica. O objetivo principal do texto que segue é dar destaque a esta última durante o período em que ele esteve no Brasil.

Em 1997, Nash publica "Raça e identidade". Trata-se de uma resenha do livro "Showing my color: impolite essays on race and identity" (San Francisco, 1996), escrito pelo jornalista Clarence Page. Nash constata que "Page se confrontou com sua identidade como proeminente jornalista negro nos Estados Unidos" e "parece contente por escrever sobre a questão da raça num fórum público".³ Ao abordar a expressão da língua inglesa refletida no título do livro comentado, Nash de certa forma antecipa o que viria a protagonizar como liderança acadêmica no contexto brasileiro.

Com "Don't show your color!", pais costumavam advertir seus filhos a não se comportarem de modo a causar vergonha à própria família ou raça. Page, autor do livro, resolve "mostrar sua cor", pois "sabe que sua cor é uma parte importante de quem ele é e que sempre vai se mostrar". Assim, ele aborda com franqueza suas experiências e as lutas por identidade individual e comunitária das quais participou, inclusive em face de injúrias da parte de pessoas negras, que o consideraram pouco adequado em relação à imagem que tinham de negritude.

A contribuição mais notável de Page, segundo Nash, foi escrever "tanto sobre a questão da raça quanto da identidade". Isso levou a que o jornalista demonstrasse "como é perigoso basear a identidade na 'raça' e como é difícil para pessoas não-brancas não fazerem isso nos Estados Unidos". Afro-americanos não provêm de uma única cultura, advêm de muitas partes e culturas da África, mas foram forçados a viver como um bloco homogêneo e seguem sendo a partir de si mesmos e de fora compelidos a pensar e falar desta forma. Muitos brancos e negros acreditam ter o direito de definir o outro a partir de suas noções do que seja negro ou branco. Nash discorda de Page, quando este deplora tais políticas relacionadas à raça nos Estados Unidos e destaca em oposição modelos multiculturais como o Brasil e a África do Sul. Para o primeiro, "na maior parte do Brasil as linhas que dividem

³ NASH, 1997, p. 102.

peças negras e brancas são traçadas de maneira tão diferente que é quase impossível para mim, como produto da versão norte-americana de racismo, reconhecê-las".⁴

No Brasil, tendo por referência a definição predominante nos Estados Unidos de "branco" como "europeu", quase ninguém seria branco. "Diferentes padrões de colonização e imigração acarretam um conceito muito diferente de raça e um tipo diferente de racismo em cada país." Um evento trágico em sua trajetória de vida - o suicídio da primeira esposa -, levou Page a estabelecer uma metáfora, com a qual Nash concorda, em relação à síndrome afro-americana, pela qual as forças externas do racismo exauram a energia da América do Norte negra, tirando-lhe a chance de gerir seus problemas internos, vindo a autodestruir-se pela falta de esperança. Na contramão de tal tendência, Page se apresentaria como um indivíduo sóbrio, que preserva a esperança, tem orgulho do que fez e reconhece as circunstâncias da cultura dentro da qual se formou. Soube abrandar o ataque do "monstro de muitas cabeças", mesmo ciente de que é preciso combatê-lo diariamente e que volta e meia será ferido por ele.

Em 2000, Nash publicou o artigo "Hermenêutica negra nos Estados Unidos", propondo-se a descrever a formação de "uma geração de biblistas negros identificados com o exercício de uma hermenêutica bíblica negra", ao longo dos anos 1990 nos EUA, que poderiam contribuir "na busca por uma hermenêutica negra no Brasil".⁵ Ele considera que apenas a partir de meados da década em questão surgiram trabalhos que problematizam a hermenêutica supostamente "universal", ou seja, a "hermenêutica branca, ou mais precisamente, a hermenêutica da perspectiva dos brancos europeus e norte-americanos".⁶

A circunstância anterior caracterizou-se por poucos pesquisadores, que trabalhavam isoladamente e se participavam em reuniões avulsas e secundárias nos eventos acadêmicos brancos e eclesiais de instituições negras. Desde o final do século XIX, houve esporadicamente negros em departamentos de línguas antigas de universidades nos EUA, mas a exigência por um trabalho "científico" não concedia, ou reservava "pouco tempo para desenvolver uma teologia negra adequada para responder à voz branca predominante nas faculdades." Abordagens associadas à negritude na Bíblia "eram consideradas supérfluas, na melhor das hipóteses, e perigosas e heréticas, na pior.

A partir dos anos 1940, Charles Copher deu início a pesquisas e publicações sobre a presença negra na Bíblia, que permitiram a constituição de um ambiente no qual jovens acadêmicos fossem treinados no método histórico-crítico, tendo por referência questões dos povos negros, tais como vínculos bíblicos com a África, costumes africanos, formas da escravidão na Bíblia e na antiguidade e culturas afro-asiáticas. Segundo Nash, correspondem a um conjunto de temas apreciados por estudiosos de linguística, "mas pouco ensinado até hoje nas faculdades de Teologia". A recepção positiva da obra de James Cone, nos anos 1970, potencializou o solo preparado por Copher e deu condições para que se buscasse "uma boa colheita". Uma geração de biblistas negros mais

⁴ NASH, 1997, p. 103.

⁵ NASH, 2000, p. 47.

⁶ NASH, 2000, p. 48.

independente de Cone, "uma espécie de tio rico de todas as disciplinas teológicas", só viria a se estabelecer a partir dos anos 1990, buscando articular-se em projetos coletivos. Nash se identifica como parte desta geração e expõe ao longo do artigo marcas que a seu ver notabilizam a hermenêutica negra nos EUA.

Uma dessas marcas corresponde à busca por "um equilíbrio entre a academia e a sabedoria de pelo menos uma tradição negra". Nash vê articuladas aqui duas tradições, a serem consideradas lado a lado, sem priorizar uma em detrimento da outra. A primeira é "a tradição negra e americana ou afro-americana, que foi produzida ao longo de uns 400 anos de alegria e sucesso misturados com tristeza e humilhação". Não é simples descrevê-la, pois é diversificada e rica, tendo havido muitas tentativas de resgatar as raízes africanas dos povos escravizados, algumas com mais e outras com menos sucesso.

O principal elemento a caracterizar essa tradição, segundo Nash, é "a herança de um povo que foi escravizado, desvalorizado, dominado por leis nas quais eles não tiveram nenhuma participação, e, quando as leis não funcionavam mais, pelo assassinato, estupro e mutilação e outros abusos cruéis".⁷ A hermenêutica negra intenta ser duplamente culta, ao articular a tradição afro-americana à tradição europeia do método histórico-crítico. Este ganhou uma hegemonia não só pelas ferramentas que disponibilizou, mas também por imperialismos de todos os tipos, o que fez com que viesse a apresentar-se como universal e majoritário, mesmo que jamais o fosse, pois é produto de algumas culturas europeias. Nash destaca aqui também tradições relacionadas a quem se fez interlocutor constante de teólogos e teólogas negras nos EUA, a exemplo de Richard Shaull e Juan Luis Segundo, além de africanos, jamaicanos.

Outra marca da hermenêutica negra, segundo Nash, leva a que esta se apresente como "claramente cristã, mas aberta a dialogar com outras fés que se acham dentro das comunidades negras, principalmente, nos EUA, o islã". Dentre os representantes da geração de exegetas mencionada, não há quem assuma posição de descompromisso em relação à dimensão comunitária e às questões de fé. Trata-se de um "relacionamento caloroso com o texto e a fé que ele representa e produz", levando a que vivam seu compromisso com os povos negros e com a negritude. Isso conduz a uma atenção especial para com as religiões africanas tradicionais e o islã, além de outras manifestações religiosas, uma vez que os EUA acolhem pessoas de todas as regiões do mundo.⁸

Há também uma marca que corresponde ao "compromisso com a libertação de todos os povos", prioritariamente "daquelas pessoas que sofrem por causa de preconceito racial contra negros, combinado com um poder qualquer para afetar, direcionar ou influenciar as vidas de negros, ou, mais simplesmente, vítimas de racismo". Nash faz referência a uma distinção que pessoas negras nos EUA estabelecem entre preconceito e racismo. Preconceito é entendido como "uma resposta emocional [...] por causa de alguma característica e pode ser positiva ou negativa". Racismo, por sua vez, diz respeito à "combinação de um preconceito negativo baseado na cor da pele de uma pessoa com o poder formal

⁷ NASH, 2000, p. 49.

⁸ NASH, 2000, p. 52

ou informal de impedir uma pessoa de alcançar seus alvos e direitos na vida". O profundo arraigamento do preconceito na sociedade norte-americana levou os negros a desistirem de controlá-lo ou eliminá-lo, mas quanto ao racismo e seus efeitos diretos e colaterais a luta seria permanente.⁹

O preconceito e o racismo da tradição ocidental acompanharam exploradores, conquistadores, comerciantes e missionários europeus por todos os lugares. Assumiram diferentes formas e também não têm sido exclusivos de sociedades brancas. Tais processos têm sido acompanhados de interpretações bíblicas que legitimam injustiças crônicas neste âmbito, por exemplo, a escravidão. A hermenêutica negra contesta tais interpretações, a exemplo do direcionamento da maldição de Cam (Gênesis 9) para as comunidades negras ou da isenção atribuída aos brancos e seu não direcionamento a um julgamento negativo (Números 12).

Nash também considera como marca da hermenêutica negra, por fim, "uma ligação ou compromisso com uma comunidade negra". Intérpretes negros estão inseridos em igrejas e instituições constituídas por negras e negros, falam com e para suas comunidades. Em se tratando do contexto eclesial ou acadêmico mais amplo, muitas vezes os temas de pesquisa associados à negritude não foram considerados automaticamente temas acadêmicos, pois inexistia a massa crítica que o viabilizasse. Nesse ponto do artigo, não por acaso na parte conclusiva do texto, Nash expressa o desafio vivenciado por ele e pelo grupo que busca despertar e animar quanto a um compromisso acadêmico, ético e comunitário em relação aos temas da identidade e da negritude.

Ao contrário da comunidade universitária que se engana com uma ilusão de que fala com uma voz universal e unida, o corpo nascente dos intérpretes se percebem como porta-vozes das comunidades nas quais vivem uma vida cristã. Elas chegam à mesa de discurso teológico com a confiança absoluta de que têm uma parte da graça de Deus e uma parte do sofrimento do mundo para colocar nela. Não toleram mais que as experiências de qualquer negro sejam negadas como parte da experiência da graça de Deus entre o povo santo, que é a humanidade toda.¹⁰

Em 2002, Nash publicou "O papel dos africanos negros na história do povo de Deus", um artigo elaborado a partir da aula inaugural proferida na então Escola Superior de Teologia no mês de fevereiro do mesmo ano. Sua principal intenção é contestar uma posição dominante na antropologia cultural e na arqueologia, segundo a qual na abordagem da Terra Santa e do Israel bíblico o mundo afro e o mundo asiático são considerados como separados, retirando a presença e a influência do primeiro, este vinculado ao Egito e à Núbia, e afirmando um predomínio do contexto mesopotâmico. A história da interpretação europeia de 2 Samuel 18.19-33, que não aceitou a presença de um africano na guarda de elite de Davi, é apresentada como um exemplo deste processo de silenciamento e invisibilização.¹¹

Nash situa sua abordagem dentro de um projeto de investigação mais amplo, pelo qual centrou seu interesse nos métodos antropológicos direcionados ao estudo da Bíblia Hebraica,

⁹ NASH, 2000, p. 50.

¹⁰ NASH, 2000, p. 52

¹¹ NASH, 2002, p. 5

questionando se estes teriam potencial para franquear o acesso à discussão da presença cultural africana no Antigo Testamento. Em complementação a isso, dirige sua atenção para a medida da racialização embutida na interpretação desses textos em contextos de três países, cujas histórias foram marcadas por brutal opressão a afrodescendentes: Estados Unidos, Brasil e África do Sul.

A relação de itens investigados no projeto deixa evidente que, para além da contribuição específica à sua área de expertise, Nash tem a intenção de promover a reflexão sobre conceitos fundamentais à discussão em torno a identidade e negritude: o conceito geral de raça nas ciências biológicas, com um breve histórico do conceito e comentários adicionais de antropólogos sobre a posição da questão nesse campo; uma clarificação dos três termos “raça”, “cultura” e “etnia” e breves comentários sobre o papel da cultura na formulação da teologia; uma sinopse da história da racialização nos Estados Unidos, na África do Sul e no Brasil; um debate para uma cosmovisão afro-judaica; sugestões para a leitura das narrativas com um olhar de antropólogo; um resumo da ciência malfeita dos séculos XVIII e XIX que levou cientistas a propor que os egípcios e todos os outros atores na trama do Antigo Testamento eram caucasóides; uma discussão da família lingüística conhecida como afro-asiática, que vai desde a Mesopotâmia até a África oriental, passando pelo Vale Great Rift, e uma avaliação da obra *Black Athena*, de Martin Bernal, na qual ele sustenta que a história ocidental foi sequestrada pelos classicistas a fim de clareá-la ou contextualizá-la para as pessoas que nós agora conhecemos como a elite europeia.¹²

A diversidade e complexidade dos tópicos acima elencados não deveria, porém, retirar a concentração do foco proposto pelo artigo: "ilustrar a clara presença de africanos no mundo bíblico antigo e tornar perfeitamente claro para o leitor que opiniões contrárias estão baseadas em estereótipos [...], principalmente na crença errônea de que nada de bom vem da África."¹³ De modo especial a iconografia de mestres da arte europeia legou como herança a imagem de um "Moisés europeu" e um "Davi caucasóide", excluindo por completo a possibilidade de representá-los como africanos. Categorias usadas no presente, tais como etnia, cultura e identidade, e a ainda recorrente fixação na cor da pele como marcador da diferença, estão muito distantes dos interesses de sociedades no Antigo Oriente Próximo. A xenofobia era norma para a maioria das culturas e os marcadores relacionavam-se mais à origem nacional, a práticas culturais consideradas estranhas, engraçadas, repugnantes, grosseiras, ou ímpias. Eram excepcionais as referências a características físicas de um povo. Daí as dificuldades em torno à pergunta sobre quem era negro no Oriente Próximo.

A partir da Europa, segundo Nash, as teologias norte-americanas, sul-americanas, africanas e asiáticas, entre outras, são tachadas de contextuais, ou seja, regionais, efêmeras e destoantes do modelo universal - que é o europeu, naturalmente. Quem o faz são os herdeiros do renascimento e do iluminismo, movimentos que promoveram de modo sistemático a pré-textualização dos textos, ou seja, o entendimento de que há somente uma forma de entender cada texto, o qual corresponde a uma experiência genuína do sagrado apenas, à qual, por sua vez, só pode ser explicada e organizada pelo cristianismo ocidental e pelas academias por ele mantidas. O recado final à comunidade acadêmica

¹² NASH, 2002, p. 7.

¹³ NASH, 2002, p. 8.

ouvinte e depois aos leitores do artigo é bastante claro. Deixa evidente o desafio que Nash impôs a si mesmo ao vir para o Brasil e aqui contribuir tão significativamente. Ao mesmo tempo, seu teor corresponde muito bem a uma conclusão para este artigo.

Talvez esse seja o ponto principal desta reflexão. Há muitas formas de experimentar a Deus e muitas perguntas a serem feitas ao longo do caminho até seu bacharelado e seu posterior serviço na Igreja de Cristo. Alguns de vocês vieram procurar uma resposta. Prometo que, durante o tempo que passarem aqui, nós perturbaremos vocês com muitas respostas, às vezes para a mesma pergunta. Pior ainda, cada resposta trará consigo novas perguntas e novas possibilidades para entender dimensões ainda inéditas da vida de fé.¹⁴

Referências

ACOSTA-LEYVA, Pedro; SOUZA, Ezequiel de; MELLO, Luis Carlos. História do Grupo Identidade: uma década de vida e contribuições. *Identidade*, São Leopoldo, ano 10, n. 2, p. 6-14, 2006.

NASH, Peter T. Hermenêutica negra nos Estados Unidos. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, ano 40, n. 1, p. 47-53, 2000.

NASH, Peter T. O papel dos africanos negros na história do povo de Deus. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, ano 42, n. 1, p. 5-27, 2002.

NASH, Peter T. Raça e identidade. Resenha do livro *Showing my color: impolite essays on race and identity*, de Clarence Page. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, ano 37, n. 1, p. 102-104, 1997.

RIETH, Ricardo Willy. Evangélicos de "alma branca": os negros e o protestantismo no Brasil. In: KOCH, Ingelore Starke (org.) *Brasil: Outros 500*. Protestantismo e a resistência indígena, negra e popular. São Leopoldo: Sinodal, COMIN, 1999, p. 172-200.

¹⁴ NASH, 2002, p. 25.